



A PRESENÇA DA LEVEZA CALVINIANA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Natalia Guerra Brisola Gomes Godoi (UEL)¹

Resumo: Para o escritor Italo Calvino, a leveza seria uma das características que garantiriam a permanência da literatura no terceiro milênio, resistindo à perda de interesse pela leitura e pelo imaginativo que os avanços tecnológicos e as delicadas questões sociopolíticas pudessem gerar. Levantando os pontos elencados em sua palestra sobre o tema, publicada em *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), pretendemos apresentar a maneira como Calvino compreendia a leveza. Em seguida, procuraremos aproximações entre essa sua previsão literária e as narrativas brasileiras contemporâneas nas definições de alguns estudiosos nacionais.

Palavras-chave: Leveza; Italo Calvino; Narrativa brasileira contemporânea.

O efeito de leveza da literatura

A leveza é a primeira de seis propostas que Italo Calvino tinha em mente enquanto preparava a série de palestras que planejava ministrar na Universidade de Harvard (EUA), em 1985. Ao lado da rapidez, da exatidão, da visibilidade, da multiplicidade e da consistência, ela pertenceria a um conjunto de características particulares à literatura, razões pelas quais tal arte persistiria no milênio vindouro. Caberia à leveza da criação literária opor-se ao peso, à gravidade da vida humana, presente tanto nos conflitos sociais, quanto nos íntimos questionamentos de identidade. Para obter esse efeito, um escritor poderia se valer de diversos artifícios, como o fizeram Lucrecio, nos versos sobre as partículas invisíveis da matéria, Ovídio, nas mágicas mudanças de forma de personagens de fábulas mitológicas, Guido Cavalcanti, em suas metáforas de movimento e imaterialidade, Henry James, no alto grau de abstração de suas descrições, Shakespeare, na ironia melancólica que ria do próprio drama afastando-se dele.

Apresentando ainda outros exemplos retirados da tradição literária, Calvino delineia o conceito de leveza enquanto aponta para a função existencial que esta exerce ao longo dos séculos, ilustrando as filosofias e crenças a que recorrem os autores para reagir ao “peso do viver” (CALVINO, 2002, p. 39). Em cada contexto e por meio de cada escritor – talvez até em cada texto seu – essa propriedade literária se manifestaria de uma maneira específica, sendo capaz de representar aquilo que melhor combateria o sentimento de sufocação e fatalismo suscitado pelos fatos à volta. Essa capacidade de

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo PPGL – UEL. Contato: ngbgomes@gmail.com.



adaptação da leveza às necessidades particulares do artista é demonstrada na palestra com a observação da literatura de dois escritores romanos, Lucrécio e Ovídio. Segundo Calvino (2002, p. 39), Lucrécio encontrou resposta no epicurismo, que afastava os temores pelos deuses gregos e pela morte e centrava a felicidade no plano físico do mundo, razão pela qual criava efeitos de leveza na contemplação das partículas da matéria. O que poderia ser pesado por sua concretude assume função contrária: as infinitas possibilidades de combinações dos átomos geram liberdade. Ovídio, por sua vez, teria se baseado na ideia pitagórica de que uma alma poderia se transferir para corpos de variadas espécies, e suas composições artísticas apresentam a leveza nas transformações mágicas, na livre circulação da substância essencial entre seus diversos invólucros. Ou seja, “em um e outro caso, a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios linguísticos próprios do poeta, independentemente da doutrina filosófica que este pretenda seguir” (CALVINO, 2002, p. 22).

Para Calvino, portanto, o que produzia leveza num texto era o estilo de linguagem do autor. Com isso, ele deixou claro que nem toda literatura é caracterizada pela leveza, visto que algumas escritas não são capazes de suscitar esse efeito na leitura. O peso, contudo, não era algo que desmerecesse a estética ou inviabilizasse a atuação social de um poema ou uma narrativa; pelo contrário, Calvino coloca Dante como exemplo de um estilo literário consistente, estável, pesado e indiscutivelmente bom. Além de os tons leve e grave não competirem entre si no que diz respeito ao valor artístico, eles seriam complementares um ao outro: “não podemos admirar a leveza da linguagem se não soubermos admirar igualmente a linguagem dotada de peso” (CALVINO, 2002, p. 27). O sentimento arrebatador da leveza seria ainda mais efetivo quando intercalado com leituras pesadas.

Sendo gerada no estilo de cada autor, a leveza pode se reinventar em cada texto literário, não sendo possível limitar as maneiras como se manifestará na escrita e na leitura. Ao invés de procurar esgotar o tema, portanto, a palestra de Italo Calvino propõe o exercício de observarmos tal propriedade da literatura, indicando algumas das formas como a leveza pode se efetivar, mas de modo algum restringindo-a somente a tais configurações. Levantamos quatro circunstâncias que podem resumir a leveza descrita em *Seis propostas para o próximo milênio*: a ironia melancólica, a abstração e a divagação, o despojamento da linguagem e a imagem figurativa.



A *ironia melancólica* se estabeleceria quando um personagem fosse capaz de contemplar seu próprio drama, conseguindo identificar traços de humor na situação que vive como o faria se fosse apenas um expectador. Essa tristeza leve que é a melancolia ganharia traços de vida com um humor também ténue, impossibilitando que o personagem sustentasse sentimentos como a apatia e o conformismo e dando-lhe, ao invés disso, um posicionamento crítico perante sua própria situação, pondo “em dúvida o eu e o mundo, com toda a rede de relações que os constituem” (CALVINO, 2002, p. 32). *Abstração e divagação* também poderiam se relacionar com um personagem, estando presentes em seu raciocínio ou discurso, ou então estariam na voz do próprio narrador. A abstração, por si só, já seria leveza, desvencilhando a descrição de um cenário concreto e tirando-lhe, assim, o peso dos objetos e dos fatos; a divagação teria o papel de interferir com “elementos sutis e imperceptíveis” (CALVINO, 2002, p. 29) em uma narrativa ou um fluxo de consciência, permitindo que pequenos detalhes e devaneios aliviassem a gravidade e a monotonia predominantes.

Para falar sobre o *despojamento da linguagem*, Calvino cita versos de Guido Cavalcanti e Emily Dickinson, sendo que o primeiro poeta “dissolve a concreção da experiência tangível em versos de ritmo escandido, de sílabas bem marcadas, como se o pensamento se destacasse da obscuridade por meio de rápidas descargas elétricas” (CALVINO, 2002, p. 28). Os vocábulos não procurariam dar conta de todos os níveis de significados possíveis, mas estes assumiriam uma consistência rarefeita, que se desvencilharia de uma relação imediata com a realidade concreta para criar uma atmosfera onírica. Por fim, a *imagem figurativa* deveria assumir um valor emblemático, como a de Dom Quixote sendo projetado no ar ao atacar um moinho de vento: movidos por suas ilusões, o cavaleiro atinge e é atingido pela realidade e esta, em vez de derrotá-lo, serve-lhe de impulso para um voo – literal – ainda mais alto. Imagens como essa, que evocam suspensões físicas e objetos plenamente leves, representariam o distanciamento que o indivíduo precisa tomar do mundo para ganhar impulso e enfrentá-lo com êxito.

Deve ser esclarecido, porém, que essa levitação provinda de imagens maravilhosas e construções poéticas não culmina na evasão da realidade, sendo, pelo contrário, um modo de que se vale o poeta-filósofo para enfrentar as dificuldades do mundo, razão que leva Calvino (2002, p. 22) a denominá-la “leveza de pensamento” e



distingui-la da “leveza da frivolidade”, desprovida de ideais. Contrapondo-se a esta, aquela estaria “associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório” (CALVINO, 2002, p. 28), podendo ser também relacionada à agilidade, ao revigorante, ao impulsionador, ao pensamento inquieto do indivíduo e sua consequência, a ação. Como vimos acima, sempre haverá uma filosofia ou um posicionamento político fundamentando a leveza por parte do autor.

Caminhos da leveza na literatura brasileira contemporânea

Quando pensamos na narrativa brasileira produzida neste terceiro milênio, uma das palavras que primeiro nos vêm à mente é “desconforto”. Assumindo a missão de representar e denunciar as desigualdades sociais, a falta de segurança no cotidiano do brasileiro e a situação política do país como um todo, a literatura de nossa época parece, à primeira vista, o exato oposto da sublimação que Calvino acreditava encontrar nas décadas que se seguiriam. Entretanto, é possível reconhecermos algumas características em geral e certo número de autores em específico que se aproximam da proposta da leveza no objetivo, de impulsionar o indivíduo, e no método, de fazer isso por meio do distanciamento.

Tal distanciamento, aliás, ganha ainda mais força quando pensado em nosso contexto de pluralidades e desencontros. Ricardo Piglia já desenvolveria essa percepção no exercício que fez de completar as “seis propostas” calvinianas, que acabaram sendo apenas cinco, interrompidas na criação por conta da morte de seu autor. Para o escritor argentino, a sexta proposta seria uma reflexão sobre o deslocamento, à qual a literatura latino-americana poderia participar com propriedade, vistos seus traços de descentralização e antropofagia:

Há uma certa vantagem, às vezes, em não estar no centro. Olhar as coisas desde um lugar levemente marginal. [...] A experiência do horror puro da repressão clandestina – uma experiência que frequentemente parece estar além da linguagem – talvez defina o nosso uso da linguagem e a nossa relação com a memória e, portanto, com o futuro e o sentido. Há um ponto extremo, um lugar – digamos – do qual parece impossível aproximar-se com a linguagem. Como se a linguagem tivesse uma margem, como se a linguagem fosse um território com uma fronteira, após a qual está o silêncio. [...] A literatura prova que há acontecimentos que são muito difíceis, quase impossíveis, de transmitir: supõe uma relação nova com a linguagem dos limites (PIGLIA, 2012, p. 1-2).



Nessa tentativa de representar o quase irrepresentável, a literatura latino-americana constantemente desafia sua linguagem, abordando temas delicados nem sempre com descrições precisas, mas às vezes com metáforas, sensações, silêncios, ou seja, levezas. Deixemos de lado, portanto, as constantes discussões sobre a não-identificação da escrita brasileira entre suas vizinhas de território e cultura e assumamos a aplicabilidade da proposta de Piglia também em nossa literatura nacional, que reconhece em si traços do marginal, da repressão e da memória a ser reivindicada e autenticada.

Uma das maneiras que as narrativas brasileiras fazem uso da leveza é, desde meados do século XX, aquilo que Flavio García e demais pesquisadores da UERJ denominaram “insólito banalizado” em *A banalização do insólito* (2007). Atenuando as fronteiras entre maravilhoso e fantástico, esse tipo de insólito diferenciar-se-ia dos anteriores por ser ambientado numa representação próxima da realidade e, portanto, desrespeitar as leis naturais daquele cenário, mas ainda assim não causar estranhamento nos personagens ou no leitor. Em “As (des)fronteiras do insólito na literatura”, artigo assinado por Angélica Batista (2007) e componente do livro organizado pelo professor García, encontramos uma forma como o insólito se manifestaria na narrativa brasileira observando-se Murilo Rubião: gerando nos personagens um sentimento de fascinação superficial e efêmera. O acontecimento ou objeto mágico acabava sendo acolhido a fim de resultar em benefícios à comunidade. Podemos entender que, no caso do insólito, o distanciamento da leveza se efetiva na relação dos personagens com o leitor, que não consegue compreender as reações tão naturais que aqueles têm perante o inusitado. O indivíduo pode, por sua vez, ser incitado a adaptar-se e tirar proveito do inevitável, tal qual o fazem os personagens.

O insólito banalizado também se aproxima da leveza por outro aspecto, o humor; assim, recusa tanto o suspense do fantástico, quanto a admiração do maravilhoso, gerando, em lugar disso, um riso suave em meio à indagação e ao estranhamento. Outra manifestação do humor na literatura brasileira contemporânea que muito se aproxima da leveza calviniana é a ironia sutil sinalizada por Beatriz Resende em “A literatura brasileira na era da multiplicidade”. Essa característica nasceria da atualização do gênero trágico que, segundo a pesquisadora, foi resgatado nas sociedades da pós-globalização por meio das mídias, do teatro, da fala. Apagou-se o passado e o futuro



para fortalecer-se o sentimento de presentificação, constância, imutabilidade, que se associou à ideia de fatalidade para gerar uma sensação de inevitabilidade do destino trágico. Entretanto, ainda que não seja possível escapar do fado, há reflexão e questionamento sobre ele, busca por explicações e revolta. Resende nota traços dessa postura na literatura de Bernardo Carvalho, Sérgio Sant’Anna e Luiz Ruffato e, analisando o romance *Eles eram muitos cavalos* (2001), deste último, aponta:

No cenário da cidade, o paradoxo trágico se constrói entre a busca de alguma forma de esperança e a inexorabilidade trágica da vida cotidiana que segue em convívio tão próximo com a morte
Mas cabe ressaltar que é o fragmentário da narrativa, acompanhado por certo humor e ironia sutis, que impede que a obra se transforme puramente no relato do mundo cão. A narrativa entrecortada evita a catarse como consequência, propondo em seu lugar a crítica, numa espécie de distanciamento brechtiano [...] que comove, mas não ilude (RESENDE, 2008, p. 31).

Podemos continuar pensando no tom de *Eles eram muitos cavalos* ao lembrarmos de outra propriedade da literatura brasileira contemporânea, a predominância do urbano. Sobre isso, é Flora Süssekind quem disserta em “Ficção 80: dobradiças e vitrines” e em “Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana”. Apesar de serem textos menos recentes, cujas análises se focaram nas produções das décadas de 1980 e 1990, a ideia de distanciamento neles apresentada continua sendo reconhecível em narrativas do século XXI. Ela aponta para a impessoalidade do narrador nas ficções que fizeram uso de recortes e pastiches, como vemos no romance de Ruffato. Esse apagamento da voz narrativa pode até intencionar uma aproximação direta entre leitor e texto, sem qualquer intervenção, mas acaba por gerar um estranhamento capaz de distanciar um fato relatado, que se transforma num objeto ficcionalizado.

A pesquisadora também evidenciou a utilização de fotografias para ilustrar e conferir um tom documental às criações ficcionais, inspiradas em diversos graus nos acontecimentos verídicos. Segundo Süssekind (2005, p. 63), tal recurso geraria um efeito contrário, de afastamento do cenário urbano real, por oferecer ao leitor uma imagem estática, que reforçaria as diferenças entre as camadas sociais ao invés de aproximar o leitor de um cotidiano diverso do seu. As narrativas se tornariam, então, vitrines – retratariam uma situação real com extrema fidelidade, mas impedindo que o



leitor se sentisse inserido naquele meio: “imagens urbanas correntes, que se exibem, mas são vistas de fora, sem endosso” (SÜSSEKIND, 1993, p. 240).

A ideia de vitrine parece ter sido atualizada e ficcionalizada no romance *O menino que se trancou na geladeira* (2004), de Fernando Bonassi. O protagonista, uma criança que sofre o abandono, a falta de oportunidade, a injustiça e o desamor da sociedade que o cerca, encontra abrigo numa geladeira e decide viver ali. O menino não se desligou por completo do mundo, pois, dentre as adaptações que fez em sua nova moradia, trocou a porta da geladeira por uma de vidro, através da qual poderia continuar a observar e interagir com as demais pessoas. Contudo, aquela separação, ainda que transparente, foi suficiente para retirá-lo do mundo e impedir que ele voltasse a sofrer diretamente as mazelas que agora apenas assistia.

Como vimos, ainda que a literatura brasileira contemporânea tenha, no geral, consolidado uma identidade denunciadora e, portanto, representativa da realidade em sua crueza, violência e fatalidade, há meios de reconhecermos nela a leveza proposta por Italo Calvino. Por meio do humor, do apagamento da voz narrativa, do insólito ou da metamídia, proporciona-se ao leitor um distanciamento da realidade que permite a reflexão, a mudança de perspectiva e a crítica daquilo que o cerca. Assim, a literatura exerce a função existencial de que falava o autor italiano, abrigando as filosofias e crenças que consolam o indivíduo, renovando-lhe a esperança e a persistência.

Referências bibliográficas

BATISTA, Angélica Maria Santana. As (des)fronteiras do insólito na literatura: reflexões e possibilidades na contemporaneidade. In: GARCÍA, Flavio. (org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismo de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. 3.ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PIGLIA, Ricardo. Uma proposta para o novo milênio. Tradução de Marcos Visnadi: *Revista Margens/ Márgenes*, n.2, Lisboa, Buenos Aires, jan. 2012.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.



SÚSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária. Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. *Literatura e Sociedade*, n. 8, p. 60-81, 2005.

_____. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: _____. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.